

Ilustração Portuguesa



LENA

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
 Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 30 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
 Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 16\$00.
 COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 9\$50—Ano 19\$00.
 ESTRANGEIRO: Semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

Redacção, administração e officinas: Rua do Socol, 43 — LISBOA

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA — 39, R. Corpo Santo, 41

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa

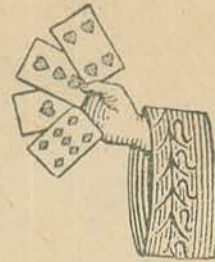


M.^{ME} BROUILLARD

Liz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do império e todos os acontecimentos que se lhe sa-

guiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 3 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 40, RUA DO CARMO, 40 (sobre-loja) — LISBOA. Consultas a 5\$00, 10\$00 e 15\$00.

M.^{ME} VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 caviavos para resposta.

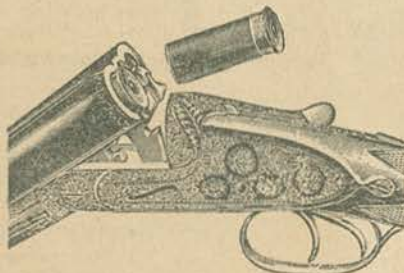
Caiçada da Patriarcal, n.º 2, 1.ª, Esq. (Clmo da rua d'Alegria, prédio esquina)

Ver na próxima quarta-feira o

SUPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS (DO SÉCULO)

Preço 20 cent

COMPTOIR INTERNACIONAL



R. NOVA DO ALMADA, 36, 3.º
 LISBOA

VICTOR CARASQUETA DE EIBAR

Representantes e depositarios

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Moura, Gomes Neto & C.ª

Instalações electricas

MATERIAL para CAMPANHAS e TELEFONES

AQUECIMENTO CENTRAL E POR SALAMANDRAS

R. Augusta, 184 a 188

TELEFONE 2734-C.

JANOTAS???? Sejam economicos!!!
 Como vestir bem e barato???

— SJ na alfaiataria JANOTA —

Onde se vizaam fatos e sobretudos ficando como novos. Duetos e no e gor da moda. Facilitam-se fatos a feitura

Rua do Sol ao Rato, 215
 Postal a S. MADEIRA
 Electrico da Estrela (á porta)

Agua de Cucos

A mais acreditada agua medicinal para o tratamento do estomago, rins e bexiga.

AS TERMAS DOS CUCOS abrem em 1 de Junho e fecham em 30 de Setembro

Deposito Gera' das Aguas
 Rua de Santa Justa, 7 a 13
 LISBOA

Sapataria JANUARIA

Calçado de luxo em todos os generos pelos mais clics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.ª Justa, 8

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 793

Lisboa, 30 de Abril de 1921

30 Centavos



A sr.ª D. Maria Edwards de Errazaris, uma das mais belas e aristocraticas figuras da sociedade de Buenos Ayres.

CAPA:—«Estudo», por uma discipula de D. Emilia dos Santos Braga.

Cronica da Semana

HA dias o *Seculo* publicou uma relação das feiras-exposições marcadas entre Abril e Junho em varios países estrangeiros, deduzindo a importancia do facto para o desenvolvimento do commercio internacional: França, Inglaterra, Italia, Paes Baixos, Suíssa, Luxemburgo, Tcheco-Slovaquia, Algeria, Argentina, Indias Holandêsas e Peru figuram em muitos dêsses certames, alguns de productos verdadeiramente inesperados.

Não sabemos se Portugal concorrerá a qualquer dos mercados, mas estamos certos de que, se o fizesse, não daria má conta de si; evidentemente não poderíamos competir com Buenos-Ayres em leitaria, com Java em chá ou com Londres em coiros, mas na exposição de pastéis e doces, que se realiza em Amsterdam de 4 de Maio a 1 de junho, a nossa representação nada ficaria a dever á dos países mais adeantados em guloseimas. Apresentassemos nós á consideração e ao paladar dos entendidos a deliciosa trouxa de ovos, a subtil espuma de Venus, o fresquissimo manjar branco de Coimbra e a sua visinha, nabada de Semide, a apetitosa queijada de Cintra, o divino toucinho do céu, emfim, as mil combinações de açúcar, leite, frutos, ovos, etc., em que as senhoras portuguezas foram sempre peritas, e o estrangeiro render-se-ia á nossa superioridade, não se atrevendo nem de leve a desdenhar dum povo que, atravez de todas as contrariedades sofridas ainda mesmo quando o açúcar está a cinco e mais escudos o quilo, nunca deixou esquecer as receitas d'aquelas maravilhas de arte e sabôr, prova duma civilisação que se perde na noite fradesca dos tempos.

Conhecem-nos lá fóra pelas nossas conquistas e aventuras navegacões, pela nossa coragem todos os dias demonstrada, quicá pelo nonio e pela passarola do padre Gusmão, mas não nos conhecem pelas nossas barrigas-de-freira. Pois bem: levemo-las a Amsterdam e acabarão muitos amargos de boca...

O triste spectaculo dos mutilados da guerra, quasi pedindo esmola, muitos dêles com familia a sustentar, despedidos dos hospitais porque a cirurgia mais lhes não pôde fazer, está despertando iniciativas generosas, que não ficarão em palavras; em breve os desgraçados encontrarão amparo permanente, dos particulares e do Estado, completando-se dêsta maneira, eficaz e pratica, a gloriosa jornada que principiou quando respondemos altivamente, com as armas, á afronta alemã, que teve ha pouco o maximo de esplendor na Ba-

talha e que vai ter agora o máximo de justiça e de bondade na protecção aos que na grande guerra não morreram mas lá se inutilisaram.

E' o ultimo canto dum poema que pod'ria denominar-se os Novos Luziadas e que, felizmente não terá a ensombra lo nenhuma estrofe de desanimo, como aquela em que o poeta, confessando-se fatigado, escreveu:

Não mais, Musa, não mais, que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do can'ô, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.

NUMA recente proclamação dirigida á Academia de Coimbra, por motivo da *grève*, ou mais portuguezmente, da *parede* original num conhecido incidente escolar, emprega quem devia ser autoridade não só scientifica mas literaria, palavras que só o mau gosto tem introduzido na nossa linguagem corrente, como *calma* em vez de *tranquilidade* e *insucesso* em vez de *mau resultado*. Bem sabemos que de tais enxertos não virá mal a ninguem, mas porque não havemos de servir-nos duma vez para sempre com a prata da casa, já que a temos neste particular e da melhor?

Em tempos um illustre professor, mais gramatico do que filologo, mas suficientemente judicioso para não conferir áquella o predomínio sobre e ta, deu lições escritas de linguagem, em repetidos livros e por outros meios de propaganda. Os reparos que fazia, ás vezes humoristicamente, obrigavam a hesitar muitas penas habituadas ás formas estrangeiradas e evitaram talvez alguns desacatos que, sem aquela intervenção hoje teriamos de aceitar sem remedio; que ele, ou outrem com igual competencia, nos acuda de tempos a tempos para não perdermos um bem que é de todos e para o qual todos contribuem, consciente ou inconscientemente.

AMERICO DURÃO dá-nos mais um volume de versos, *Tantalo*, que é uma collecção de sonetos, deveras notavel; trabalha este difficilissimo genero com mão de mest e, é inspirado, rico no vocabulario, original e imaginoso, F. licitamo-lo.

Sousa Costa, publica o seu 14.º livro, se não estamos em erro, *Milagres de Portugal*, que deve ser interessantissimo, como os anteriores.

Vamos lê-lo com o carinho que nos merecem todos os trabalhos do illustre escritor.



Femininas

Plumas! Plumas!... Flôres! Fitas!... Mil fantasias, enfim! Eis o *mot d'ordre* da Moda que nos rege e que nos fascina com a fertilidade do seu espirito inventivo, sempre sedento de novidades, infatigavel perscrutador do inedito.

Neste momento, é sobre a roupa-gem leve, graciosissima do pobre avestruz, que incide a sua atenção. Cubiça-lhe as penas magnificas para leques, sacos de mão, guarnições de



pentas, de sapatos, e mil outras futilidades quasi inatingiveis pela imaginação humana que assiste maravilhada á realização de fantasias inesperadas.

O que a moda inventa!



E, todavia, como todos os seus caprichos são tentadores, como nos seduz com os seus improvisos...

HELENA DE ARAGÃO

Os modernos leques de plumas. Sacos de mão e pentas ornamentados com plumas. Cintos de galalit e metal. Cestos guarnecidos com flôres e frutos de fantasia.



os Nossos ARTISTAS

Frederico Ayres

Frederico Ayres, discipulo de Carlos Reis, medalhado do nosso «Salon», é no nosso meio artistico uma invulgar figura de trabalhador consciencioso e probo que cada dia que passa amorosamente se devota e consagra ao estudo e busca as perfeições ineditas com que nos dar novas telas, explendentes de côr e soberbas na sua interpretação da natureza.

Frederico Ayres é um grande artista e um contemplativo. A sua paleta e a sua retina bu-cam, de preferencia, recantos de aldeia, ruasinhas perdidas de vilas somnclentias, casas e quinteiros, hortas e pinhaes, que perto ou distante são regalo de mentes cogitati-



1. Entrada de Teixoso. — 2. «U quinteiro» Minho. — 3. Rua do Quebra Costas.



4. Casa de Gonçalo Teixoso.

5. Caminho de S. Marcos, Teixoso.

vas e sonhadoras. E, se a sua musa pictórica é assim, a sua técnica é de uma perfeição que faz supôr neste moço pintor um artista de grande futuro, de envergadura possante, capaz de dominar os ares n'um vôo largo e rasgado, dominador, soberbo. Nas exposções onde tem concorrido ou nas suas experiências individuais, Frederico Ayres impõe-se e tem merecido da critica os maiores elogios. Modesto por condição, esses elogios não o tem envaidecido, antes tem sido um estímulo para mais acrisolado esforço, para mais robustecido trabalho. A sua obra não é grande em quantidade, porque em todos os seus quadros ele põe muito de tempo, de cáinho e de talento. Mas em compensação, todos os seus quadros são pequenas obras primas que os colecionadores apreciam.

E como de todo o coração a sua arte ama e consagra, deve o tempo conceder-lhe as corôas de marantado com que são coroados os que venceram.



1. «Dia triste» Minho.—2. A minha rua.—3. Recanto (Teixoso)—4. Frederico Ayres no seu «atelier».



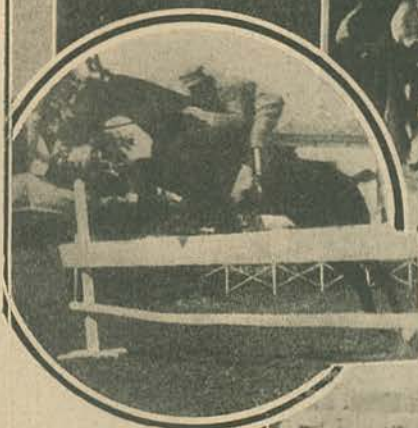
O MARCHEL JOFFRE, doutor pela Universidade de Coimbra. — No segundo plano vê-se a figura do heroe do Marne revestida das vestes doutorales, rodeado do corpo catedratico da Universidade. — Nos medallhoes o sr. ministro da Instrução, dr. Julio Martins e o reitor da Universidade. (Cliché Tinoco)

Os últimos acontecimentos da semana

1.—O juramento de bandeira em infantaria 1.



3.—O enterro do professor Mattoso dos Santos.



2. e 4. — No Concurso Hípico: Dois belos saltos.

5. — Aspecto da assistência.



6. — Uma curiosa fotografia: Os porta bandeiras dos regimentos portugueses que se incorporaram no cortejo dos Soldados desconhecidos

(Cliché da "Ilustração Portuguesa")

A ARTE E A BELESA



LILLIAN GISH

A NOTAVEL ACTRIZ INGLESA QUE NO «BROKEN BLOOMERS»
ACABA DE OBTER UM GRANDE EXITO.



MISS VIOLET NORTON

BIZARRA ACTRIZ QUE SABE SER BELA E ORIGINAL



LAURA COSTA

UMA DAS NOSSAS MAIS OLHADAS E INTERESSANTES ARTISTAS

(Foto Brasil).

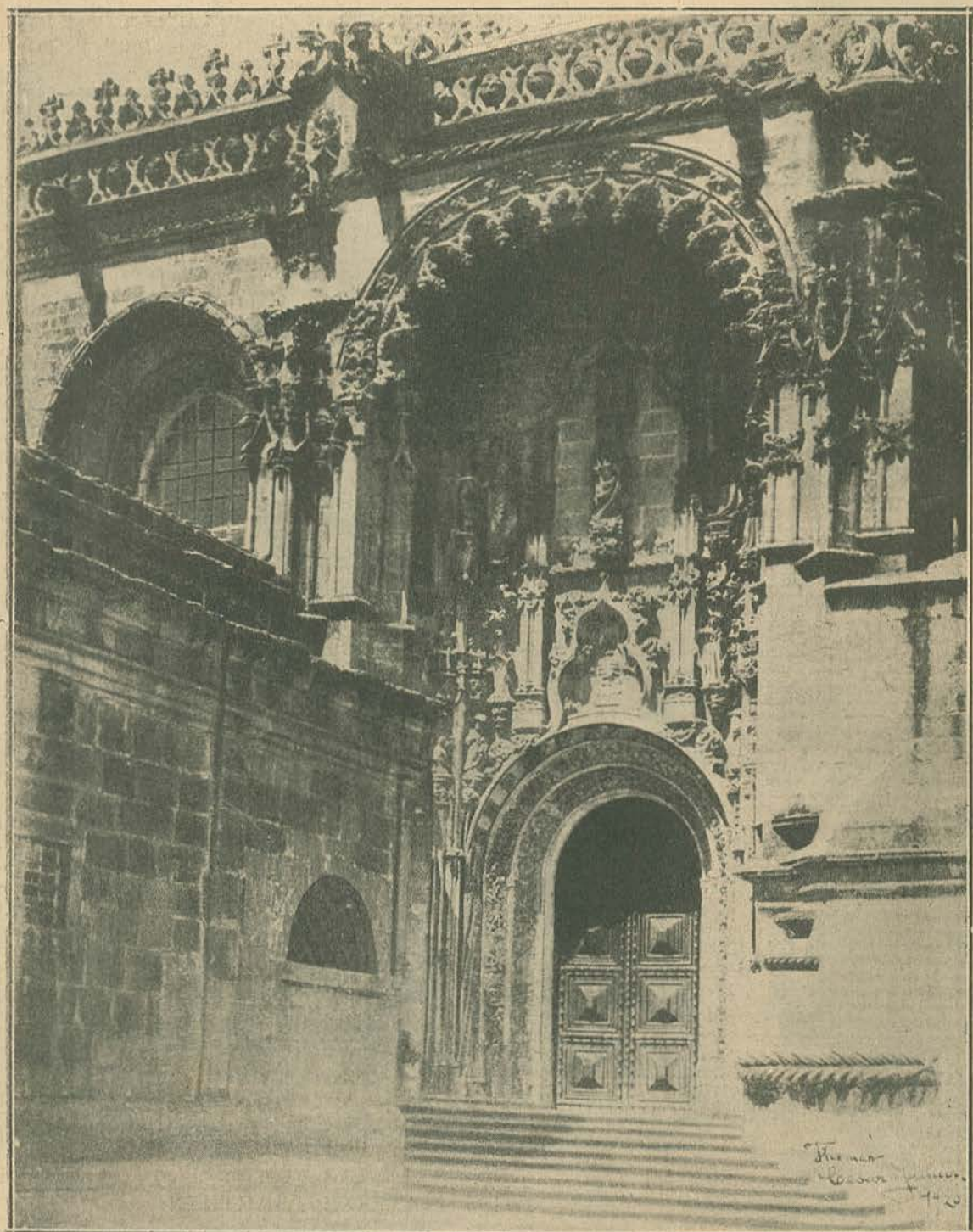
A GRAÇA E A FORMA



MISS KATLENE MARTHYN

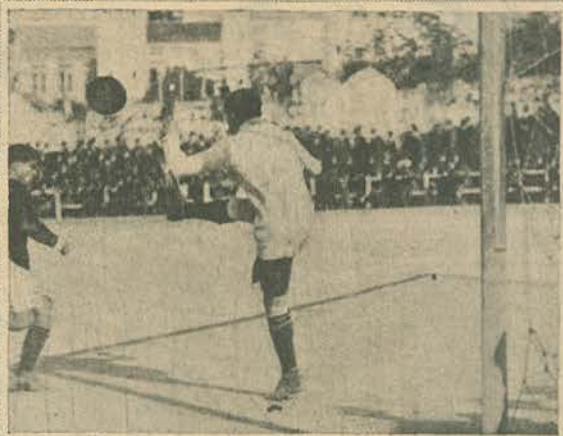
ACTRIZ INGLESA QUE TEM LEVADO A SUA ARTE A QUASI TODA A EUROPA
E QUE EM TODA É APRECIADISSIMA

A RIQUEZA ARTISTICA DE PORTUGAL



Tomar, Porta do Convento de Cristo

(Cliché do dr. J. F. Cesar Junior)



PELO MUNDO DO SPORT

REFLEXO do que pelo mundo de «sport» vai, tem hoje os nossos leitores um famosíssimo cavalo, bem conhecido em Portugal, um instantâneo do «match» de «foot-ball» no Porto e alguns momentos fagrantes dos exercícios dos intenses cultores da vida activa, que são os adueiros de Portugal, grupo n.º 9, de que é instructor Barjuna de Vasconcelos.



1—«Farinello», um belo cavalo bem conhecido nos meios sportivos de Lisboa.—2. No Porto. No «match» de «foot-ball» entre os «teams» mixtos Porto-Lisboa. Uma bela defeza do «keeper» do Porto—(Clicé J. L. Carreira)

3. Atravessando um lago em cabo de vai-vem. — 4. Abrindo caminho a picareta

EXPOSIÇÃO DE MODAS DA PRIMAVERA EM PARIS

COSTUMES TAILLEURS



OS casacos "tailleur" para a primavera, seg'ndo se depreende das ex'posições de estação, dos grandes "costumiers" de Paris, podem ser curtos ou compridos, plissados ou lisos, e as mangas tanto extremamente estreitas como generosamente amplias.

A Casa Selo opta a favor da manga kimono, de bandas largas, num casaco cur' o de pano vermelho, presa na frente por uma estreita "pat'e".

Charlotte apresenta uma linha nova, tufada, de costas, num original casaco de sarja "Chartreuse" e selim preto, a fazenda é berta, formando fitas nas costas e nas duas frentes, e debruada de selim preto.

As saias, tanto da Casa Selo como da Charlotte, são estreitas e direitas.

O "tailleur" de sarja cinzenta, de Selong, é plissado aos lados, tendo pequenos folhos a enfeitar os punhos e a gola alta. O modelo de Martial & Armand em sarja verde-claro, dá a nota "D'rectoire" no corte das abas, tendo também a saia uma forma original.

O outro "tailleur" em chevrotte sal e pimenta, da mesma casa, é de lindo efeito, assim enfeitado com lã branca e preta. A saia de lã branca e preta é toda plissada.

ABAFOS PARA A PRIMAVERA



OS folhos, que são uma das notas predominantes das exposições, dão às "toilettes" a impressão de frescura própria da primavera. O curto casaco «ETON» da casa Charlotte,

em sarja azul e bordados em lã côr de ouro, é usado sobre uma blusa em "organdi" amarelo com grandes folhos no pescoço e no peito, e folhos duplos nas mangas. Dão uma nota original os botões em forma de pera e pingentes de madeira amarela.

O modelo da Casa Paton, em sarja azul escura, é ligeiramente tufado nas costas, caindo na frente, em linhas direitas.

A gola-chaille e punhos altos de sarja branca são enfeitados com estreitas tiras de sarja azul bordadas a branco. Estas tiras formam também o cinto e guarnecem a frente do casaco abaixo.

O modelo de blusa usada com os fatos "tailleur" modernos dão quasi o efeito de um colete.

A Casa Chanel apresenta uma blusa de "crêpe de Chine" branca, como complemento de um pequeno casaco direito, em "charmeuse" preto.

Um lindo casaco de Paton, em pano azul, é guarnecido de uma forma interessante, com tiras amarelas. A gola do casaco é muito original.

A VARIEDADE
DE "LINHA"
EM "TOILETTES"
PARA A NOITE

VESTIDOS PARA JAN-
TAR

PARIS segundo o que se espe-
rava, decreta a linha direita
como sendo a predominante,
embora a modifique graciosa-
mente com faldas, plissados
ou "draperies".

A silhueta direita é permitida
como linha fundamental de
todas as "toilettes", usando-se
até vestidos caindo em linhas
completamente lisas, de alto a
baixo.

Nos modelos apresentados
pela Casa Miller Soeurs, está
sendo muito admirado um ves-
tido completamente liso, em
"Crêpe de Chine" preto. A sua
nota pre-eminente é a forma
arredondada da túnica, sob a
qual aparecem umas pontas de
"crêpe."

Ou ra "toilette" de jantar,
apresentando a mesma seve-
ridade de linhas, é um "Crêpe
de Chine" verde "jade". A saia
"drapee" é guarnecida apenas
por um "picot". Entre as cores
que mais se usam acentua-se o
encarnado vivo, que é de efeito
fulgurante. Outro modelo em
que se vê uma saia de rendas
douradas caindo de um corpo
liso de "crêpe de Chine", cor
de tijolo. Uma facha larga cae
gracioso-amen e do lado esquer-
do. Outro modelo de Miller So-
eurs tem o corpo em "crêpes"
lilaz e a saia a túnica em seda
da mesma cor, guarnecida com
listras prateadas.



VESTIDOS PARA SOI-
RÉES

As estas exposições de "toilet-
tes" para a noite sente-se a
influencia das varias modas e
epocas da Hespanha antiga.

Por todos os lados aparecem
"crêpes" rendas de cor e rendas
de prata e ouro. Os bordados,
embora menos profusos do
que ha um ano, ainda se vêem
em muitos dos modelos novos.

Premet apresenta um corpo
de "tulle" quadrado e chuo,
guarnecido de pequenas berlas
de lá cor de laranja e com as
de aço. Em outro modelo da
mesma casa, é digno de nota
a forma pitoresca porque o
famoso "costumier" coloca os
folhos de renda castanho
dourado por cima de uma saia de
seda aquarela.

Está sendo muito usada a
"mousseline" branca tanto lisa
como de fantasia.

Douillet serviu-se deste deli-
cado e diáfano tecido, em
cor de rosa, para guarnecer,
com "draperies", um vestido
de "Georgette" rosa e branco.

O modelo de vestido de ba-
le que apresenta uma saia "bou-
ffant" em tafetá ás riscas
brancas e pretas, em o corpo
em "crêpe" preto. O furor por
brincaes de prata atinge os li-
mites da loucura. A Casa Bur-
guarneceu um vestido com
"appliqués" de tafetá cor de
rosa, com folhas de prata, en-
volvendo o pescoço com as
mesmas.





A exposição dos pintores Albert Jourdain, Ortigão Burnay, Rui Vaz e mademoiselle Milly Possoz, no Salão Bobone. Aspecto da exposição, vendo-se no primeiro plano o sr dr. Retencourt Rodrigues e o expositor Burnay. Em baixo os tres expositores

O sr. dr. Decio Ferreira, que em Londres, no congresso de Radioflogia e Fisioterapia fez uma brilhantissima comunicação sobre o cancro do pulmão, trabalho que foi muito e justamente apreciado

Os srs. Adolfo Arranza e Antonio Lardizabal, illustres viajantes que passarão por Lisboa

A visita do 4.º ano medico ao Laboratorio Sanitas, vendo-se entre os visitantes os srs. drs. Cortez, Pinto, Batista Ramirez e Horacio Pimentel



O MODERNISMO NO PORTO. "AUTO AGENCIA DO BULHÃO"

DIA a dia a capital do norte assume as características de uma inteligente modernização. O apetrechamento de casas de comércio e indústria, juntamente com a grandeza e o timbre do mais legítimo cosmopolitismo, chama a atenção do viajante e entre essas empresas queremos destacar aquela que sob o título



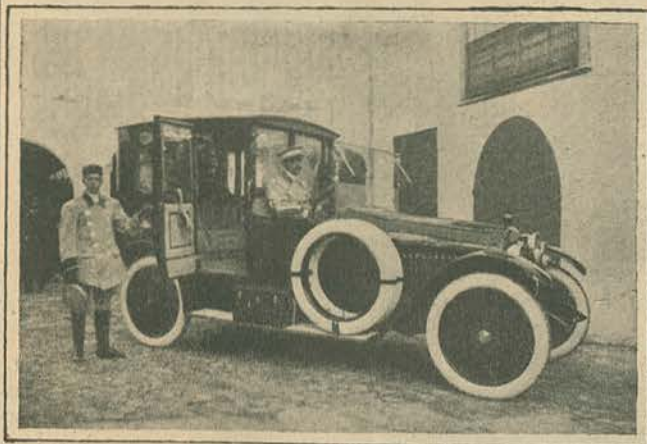
Subindo a rua Sá da Bandeira

nandes Tomaz, 348, de onde um dos dias do mês passado saíram em passeio alguns dos seus melhores carros, o que causou uma bela impressão pelo luxo pouco visível com que foram apresentados e pelo porte marcial do seu pessoal.

A "Auto Agencia do Bulhão", por ver um empreendimento realizado com um alto espírito de trabalho progressivo, cremos bem estar

reservada a compensação de um prestígio que honra a vida Portuense e o ressurgimento do Paiz a ravez a sua necessaria obra de modernização.

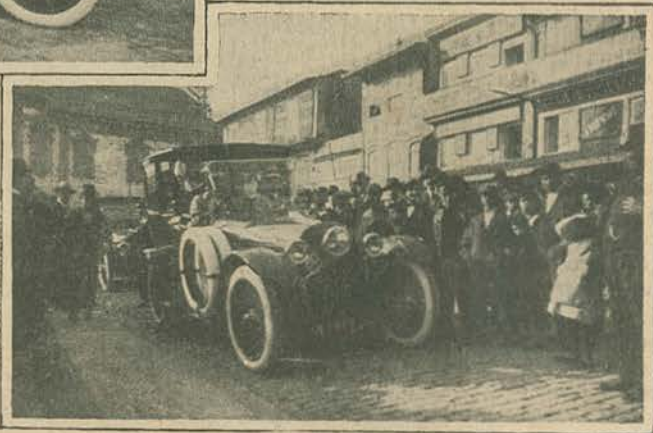
São os empreendimentos, como o da "Auto Agencia do Bulhão", aqueles que sempre devemos registrar com louvor e todas as iniciativas rasgadas e amplas como esta nos merecem um profundo interesse e o mais caloroso elogio. Os seus proprietarios são dois trabalhadores modernos e a segunda capital do paiz, a capital do trabalho por excellencia, deve orgulhar-se por os contar no numero dos seus dilectos filhos.



Um dos automoveis de luxo

«Auto Agencia do Bulhão» tem á sua frente o homem empreendedor que é o conhecido industrial sr. Manuel de Campos Telles e seus colaboradores os srs. Tertuliano Augusto Porco e Raimundo I. mãos, administradores gerentes.

Destina-se esta empresa a todos os negocios referentes a automoveis, a transportes e ao aluguer de luxuosos carros para cerimoniaes, como casamentos batizados, etc.; tem a sua séde á rua Fer-



No Largo do Carmo. Admirando um dos carros



O PORTO

RESTAURANTE DO PALACIO DE CRISTAL.

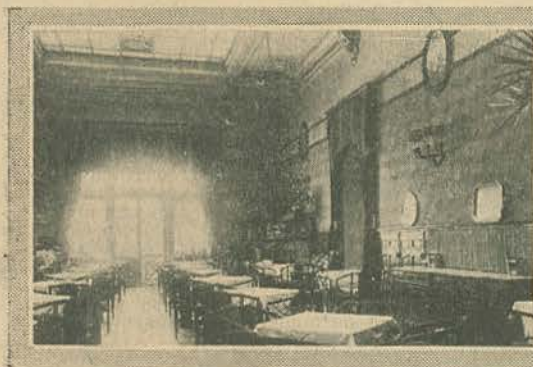
Positivamente o Porto transforma-se e dificilmente será possível referir-nos a todas as iniciativas dignas de registo, pois, ainda estamos surpresos d'uma, logo nos aparece outra.

Vamos hoje reportar-nos á transformação



Um trecho dos jardins do Palacio

que não é necessario recomendarlo, pois a todo o momento ali encontramos a «élite» portuense reunida, festejando anos, um casamento, um batizado, etc., etc. Ao sr. Lopes, seu digno gerente, enviamos pois os nossos parabens.



Salão de chá



Bufête

por que acaba de passar o restaurante do Palacio de Cristal, sob a direção inteligente do seu novo gerente, o sr. Lopes, e, como de espaço carecemos para dizer tudo quanto ali admiramos, o luxo príncipesco, o admiravel serviço de mesa, etc., etc., limitamos a afirmar



Restaurante

É de iniciativas arrojadas que o nosso paiz precisa; por isso, propagandear-las é um dever cívico. O Porto é uma terra de homens de vontade firme. Fixar-lhes o nome, mostrando a obra, é escrever o nobiliario do esforço e do trabalho.

Porto, Abril 1921
André de Moura

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Director: ACACIO DE PAIVA

Propriedade de J. J. DA SILVA GRACA, Limit.*



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43. — Lisboa

Providencias

«Wash'ng'on, 16—O governo apresentou um projecto de lei prohibindo a exportação d' armas para os paizes que onde vie sem a poder servir para fins revolucionario.» — (Dos jornaes).



Para os freguêses, Portugal e Mexico:
— Temos, mas não vendemos.



PALESTRA AMENA

Toureiro á francêsa

Bolchevistas, soviets, etc. e tal

Ora se diz que o bolchevismo, os soviets, etc. e tal, faliram na Rússia, ora se diz que não. O que, porém, parece averiguado é que de toda aquela embrulhada alguma coisa ficou, além do sangue derramado e das lágrimas choradas e essa alguma coisa vem a ser o arrependimento de se lançar cegamente a turba numa aventura cujo fim se não tinha previsto devidamente.

Agora faz-se penitencia e até o novo regime da propriedade (que, afinal de contas, sempre teve de ser sujeita a um regime) vai regessando á antiga, visto que o governo dos tais senhores, hontem escravos, determinou que as propriedades imoveis cujo valor antes da guerra fosse de 75 milhões de rubros os sejam devolvidos aos seus legítimos proprietários, confessando-se que os legítimos eram os antigos, os primitivos.

Bom. A dificuldade estará, talvez, em encontrar esses tais legítimos proprietários, visto que muitos foram feitos em pedacinhos e outros partiram para fóra da Rússia e todos se voltarem, porque pode sair-lhes mosquiteiro o gado da restituição...

Ora, tudo isto se teria evitado, isto

é, ter-se-lhe evitado este fiasco da confissão do erro, se os da Rússia tivessem consuado, antes da revolução, um operario que conhecemos, residente numa importante cidade do norte de Portugal e que tem sobre o regime bolchevistico a propriedade das ideias claras que faltaram aos lenines.

Dizia ele ha dias a um amigo — e podemos dar ao leitor a nossa palavra de honra de que não se trata d'uma anedota, mas d'uma verdade irrisissima verdade... Dizia ele ha dias a um amigo:

— O bolchevismo em Portugal é á por pouco. Tomára-o já cá, porque ficou bem governado. A parte que me vem a caber nas propriedades cá da cidade, que serão repartidas, com as fazendas que hoje tenho na minha terra, chegá-me para passar o resto dos meus dias razoavelmente...

Pois é assim mesmo. Este é que a sabe toda e o melhor da passagem é que é ele quem tem razão, como aquele c lebre Lechat dos «Negocios são negocios» (vá lá mais um reclamitoso á peça do Ginásio) que tendo-se apoderado d'um palacio que pertencem aos reis de França, exclama para os amigos:

— A quem pertence hoje este palacio? a um diuque? a um conde? Não; é a um proletario!

J. Neutral

Inter-cambio

Que as nossas relações com a querida vizinha Espanha se estreitam cada vez mais, eis uma verdade incontestavel — apesar d'aquella pertidinha nas agnas de Marrocos, por via d'atum. Agora, foram os estudantes espanhóis que, de regresso ao paiz natal, nos fizeram justiça quanto ao modo como os recebemos, de omes as esperanças de rejunção de cordenidade entre os dois paizes.

E já agora — não para desmanchar prazeres, mas porque o caso teve imen-



siissima graça — af vai, resumidamente narrado, o que se deu ha uns 20 anos em Madrid, quando a Tuna Academica de Lisboa, sob a direcção do saudoso Hlido Amato, visitou os estudantes d'aquella capital.

A entrada da tuna em Madrid já foi coisa muito de ver-se, pois que não havendo ninguém na estação a esperá-la, apesar dos avisos previos, a policia, entrando o grupo de rapazes de capa negra a tocar pelas ruas, de bandeira erguida, não se esqueceram de mandar meter as violas no sacco e abater a bandeira, que bem podia ser um sim-

bolta revolucionario. Mas isso não foi nada. O melhor da passagem foi quando a tuna portugueza tomou parte gratuitamente, n'um espectáculo de caridade e executou um «pasa alle», de autoria espanhola. Terminada a musicata, immediatamente se apresentou ao regente da tuna um delegado da sociedade dos «ma stros» espanhóis, ou coisa assim... exlindo os respectivos direitos de autor. Pagaram-se com lingua de palmo, já se deixa ver.

Nem tudo, porém, foram notas desagradaveis, na visita: houve um bunquete, oferecido aos tunos portuguezes, por sinal que depois de cada prato os estudantes espanhóis perguntavam aos colegas de cá, como se este nunca tivessem provado tão saborosos petiscos: — Que tal?

Ora então, venha de lá esse chi-coração, amigos espanhóis e que seja por muitos anos.

Menos essa

O jornal espanhol «El Tiempo» publicou ha dias uma crónica de Carmen de Barges, acerca do funcionamento da Cruzada das Mulheres Portuguezas, e mostrando-se partidaria da igualdade de direitos para ambos os sexos.

Pode ser partidaria do que muito bem lhe aprouver, a talentosa dama, mas se imagina que nós, os homens, estamos dispostos a andar como as senhoras, de perna á vela, da cintura para baixo, está muito enganada.

Aquí ha pudor, graças a Deus!

Não assistimos á tourada do ultimo domingo no Campo Pequeno, nem precisavamos assistir para fazermos ideia da lid do «espada» francês, mr. Pierre Poly — ou seja Pedra Polida, como traduziram muitos cavalheiros que nós conhecemos.

Evidentemente o «monsieur» tem uma forma de tourear muito diversa da portugueza e da espanhola, que são, a bem dizer, á brua. Não só porque o sr. Pierre é Poly (nestas coisas de toureiro o «i» grego vale tanto como o «i» latino), mas também porque é do paiz das felicidades, as coisas devem ter-se passado assim, pouco mais ou menos: O toureiro para o boi:

— Je suis enchanté de faire votre



connaissance, mon cher taureau. Vous portez-vous bien?

O boi, todo desvanecido, dando a pata:

— Très bien, monsieur. Que voulez-vous de moi?

O Poly:

— Je ne désire que parer votre dos en y plantant quelques paires de dards, ornés de rubans en couleurs...

O bicho, comovidissimo:

— Oh! Mais avec plaisir, mon cher mr. Poly! Faites comm' li bon vous plaira!

Pelo que o «monsieur» terá espetado um rico par de ferros e ouvido o bom e o bonito do boi:

— «Canaille! Fripon! Vous êtes le dernier de derniers!»

E se não apanhou algum «coupe de cornes» no «derrêro» foi por ter dado a tempo com os calcanhares no dito.

Petição do clero

Noticias as folhas diarias que os sr. arcebispo de Braga e bispo de Leiria o Portalegre se avistaram com o sr. Presidente da Republica para lhe fazerem uma petição sobre assuntos religiosos, alguns dos quaes relatam, mas não todos. Cremos não andar longe da verdade se dissermos que se trata também da conversão do sr. Afonso Costa ao catolicismo: o que os prelados exigiam, era nem mais nem menos do que a entrada do mesmo senhor para um convento, mas parece que não foram tão longe. Contentam-se em que ele faça penitencia publica e consinta em se vestir de anjinho nas procissões.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Minha compre istimada amétado da
mê curasão.

Cá arresebi as taas cridas duas re-
gras escritas pelo senhor prior cum
respêto a nau xuver i os noços amauhos
pressisarem munto de auga mas nan
ti afelijas que canto menos gónaros
oiver mais caro a jente ós pois u vende
i intão dá a coisa prá coisa i u si-
nhor prior que nan fassa as presses que
diz a Noça Sinhora porque cenão pran-
tase prá i a xuver que ce alaga tudo,
mas cum isto nan t infado mais i vou-
te falar no «Sunguo azul» que é uma
pessa que já foi duas vezes no triatro
da terinlade caquilo é en Pina anda
cuma corte benzó dens i a mia me nan
densinpar cuja pessa é de uma sinhora
i touda escrevida in verço munto cum-
prido caquilo cando us atores xegam ó
fin já ninguem ça lembra cumo é u
prencípio i vai ós pois a pessa é cumo
ce dixecemos touda cor de rosa dis-
malhada nin carne nin pezo nin grande
nin piquena nin vóu nin má nin fal-
ga nin repvlicana antis pelo contrai-
ro. In majina tu cá uma caxopa que
gosta dun fedaljo i u fedaljo gosta da
caxopa i que andaram in piquenos ós
ninhos in riba das arveres i paçaram
muntas noites intê manho deitados in



rastolho a cuntarem as istrelas du sên
mas sim malhade nenhuma. A caxopa
ten u casamento contratado cum otro
rapaz, mas este rapaz que ten lume nu
olho precebe ca caxopa ce casar cum
ele prega na minina du olho i intão tó
caroxo paça pur et munto ben i vai
mas é pró brazil. O fedaljo ben cria
casar cum a caxopa, mas ele ten u
sangue azul i u de ela é berde i incar-
nado; vai ós pois ela pega a falar tão
ben que ele diz caquilo é coisa de rasa
cum touda a serteza. E é infetivemente
porque nu sangue berde i incarnado da
mãt da caxopa cuja mãt já murreu
deus le falle nalma misturouce in tempo
u san ue azul i branco du D. Gastão
qui era tio du fedalguinho. Logo pur
concegnite ção primos i ele já pode
casar cum ela cem os antipaçados ce
iscamarem mas ela é que ten tanta rasa
que intão diz que nan quer: lá pur doses
é que nan aseita un fedaljo pra mari-
do; mas vem a çaber cu fedaljo tinha
tinsão de mandar a fedalguina pró in-
fernos pra casar cum a caxopa e vai
ós pois esta diz que sin i casam ambos
i dois cumo nan pudia dechar de cer
porque nu sigundo ato uma sigana tira
as cartas pur cosa da caxopa i disco-

EM FOCO

Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes
e João Bastos

Apanham amanhã um bom almoço
E eu não sómente aprovo a bela ideia
Mas se algum propuzer jantar e ceia
O alvitre acẽtarel com alvoroco.

Não fo-se eu um pelintra sem caroco
Que os sustentava a mólho de lampreia,
A peito de faisão, mesmo a geleia,
Emfim, ao que quizessem, fino ou grosso!

E não era pagar com grande usura
As fizesas que devo á troupe amiga,
Nestes tempos que correm, de amargura.

O riso, já se vê, não se mastiga;
Mas devo-lhes paçadas com fartura
E sempre engano a pobre da barriga...

BELMIRO

bre que ela ade casar cum um valette i
cumo u valette é conde i cumo u fedal-
go tamen é conde a varina vai ó conde
—credo. lá me enganei—tudo callha
munto bem; ós pois tamen direite cu
pisoldo da sigana é munto bem metido
principalmentes porque fala in redu-
diha pra te diferensar das outras por-
sunages i nan ce digo mais nada cenão
que os imprezarios fazem munto mal in
prefirem pessas istranjeiras ás portu-
guesas porque portuguesas vóas nan
faltam u que falta é puvlico cando elas
ce arrepresenton i intão arresebe co-
dosas alimbransas pra ti prá ubrigasão i
pra quem pur mín prégnatar i intó ás
neves que é tempo frêco i nan me
mandes u litro d'azéte que en te incen-
mondel porque in Lisboa nan pode in-
trar i vinha cá fazer munto desarrajo
ós planos du sr. trancoso que já ten as
insistencias caxe que a dirêto que é lo-
var a dens de gatinhos cum a açubi-
a dus jénaros mas já ninguem ce rala nin
cu ca vida ção dois dias deste cu vida
te deseija á mãt.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama
da Peras Rulvas.

Cedulas falsas

Alguns individuos dedicavam-se na
cidade do Porto á florescente industria
do fabrico de notas falsas, lançando-as
no mercado á medida que as iam fabri-
cando e fazendo apenas o numero su-
ficiante para as suas despesas diarias.

Agora, os tribunais são capazes de
não estar com demasias e de conde-
narem os pobres homens. Se teem guar-
dado as notas, ó da guarda, que eram
açambarcadores; como as punham em
giro, ó da guarda, que são gatinos!

Não se pode viver honradamente n'um
paiz d'estos!

A "briosa"

Não sabemos, nem queremos saber,
se na questão entre o professor da
Universidade de Coimbra, Angelo da
Fonseca, e os estudantes, é aquele que
tem razão, ou estes: sej quem fór, os-
tamos, de alma e coração ao lado da
"briosa", porque ela é a mocidade, a
esport neilade, a graça—e um lente
é sempre uma pessoa grave, pondera-
da e sem graça nenhuma.

Querem os rapas que o lente seja
substituido? Pois procedem muito bem
e o governo o que tem a fazer é sub-
stitui-lo; se o não faz, os estudantes se-
rão ensinados por um individuo que
por mais sabio que seja, lhes é anti

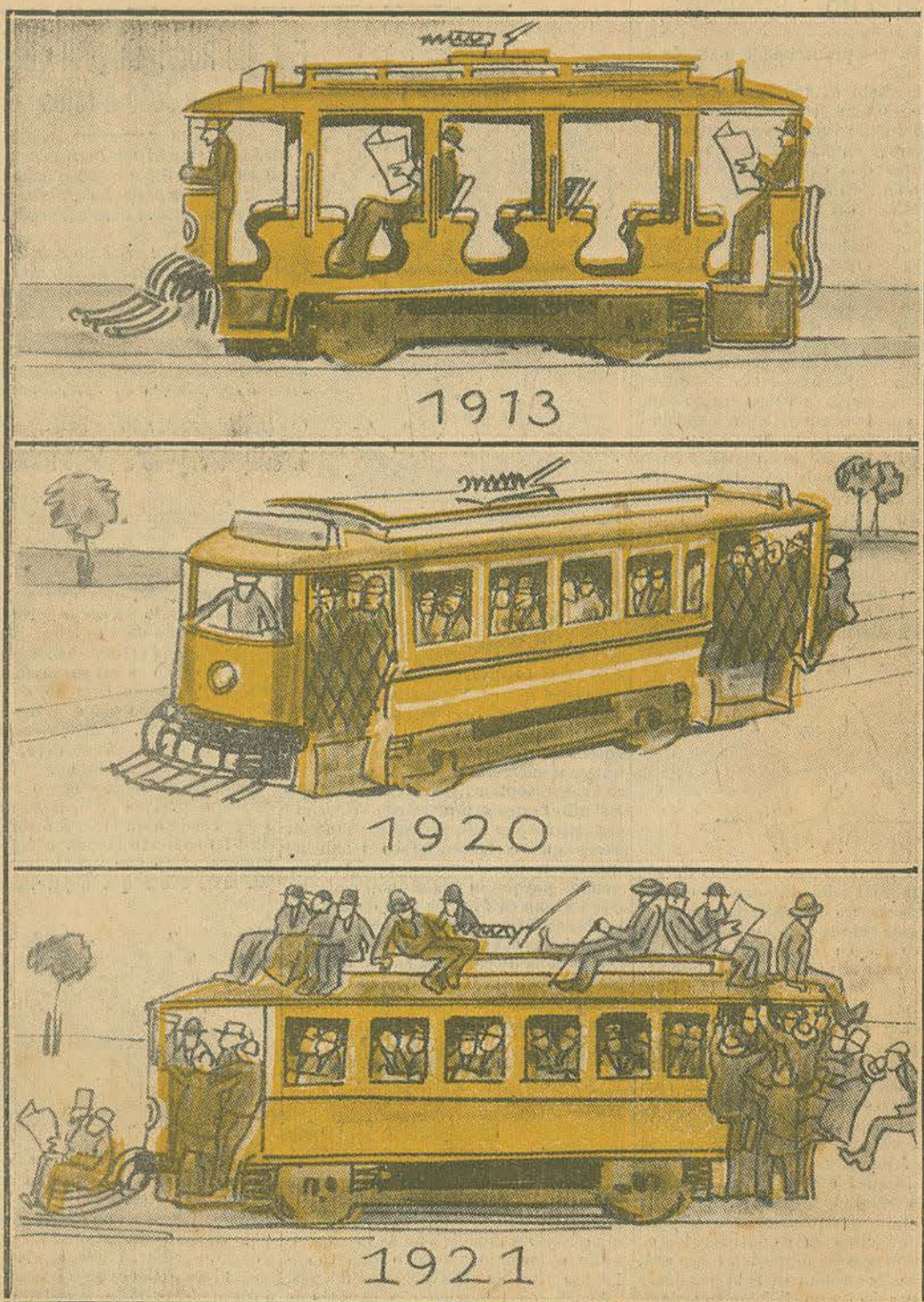


patico e não ha nada peor, sob o ponto
de vista pedagogico, do que um pro-
fessor nupitico.

Simpatiar o aluno com o professor é
meio caminho andado para o ensino—
e como, por outro lado, ainda que o sr.
Angelo da Fonseca seja o homem me-
nos rancoroso deste mundo, não pode
deixar de nutrir um tal ou qual res-
sentimento contra quem o quiz expul-
sar da cathedra, aí temos dupla razão
para que as lições fiquem mal sabidas.

Fora, pois, com o sr. Angelo da
Fonseca, pessoa, aliás, muito do nosso
respeito e veneração.

Progressão crescente



De como se prova que a concorrência está na razão inversa dos preços, ou que o número de tolos é infinito...